

## Letras

### ***MACHADO ESCREVE COM A PENA DO CORVO: INTERTEXTUALIDADE DE EDGAR ALLAN POE NO CONTO MACHADIANO “O ENFERMEIRO”***

Por Adriel de Carvalho Ramos<sup>1</sup>

*Ideias Chave: Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Intertextualidade*

Esse texto visa perceber as nuances da intertextualidade como uma das ferramentas de trabalho da Literatura Comparada. Para isso, primeiramente, deve-se esclarecer o conceito do que seria Literatura Comparada, que para a autora Carvalhal<sup>2</sup> é, a princípio, “uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas”. Esse conceito nos situa do eixo central do trabalho que é discutir sobre a forte influência de Poe na literatura Machadiana. É válida essa comparação visto que os dois participam da mesma corrente literária, o Romantismo, embora cada um em seu tempo e com suas devidas características que serão descritas no

decorrer desse texto.

Vale ainda destacar sobre o mesmo ponto que esse processo, segundo a autora Carvalhal, não pode ser simplesmente entendido como mera comparação, mas sim como “um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva)”,<sup>3</sup> ou seja, o trabalho feito a partir das metodologias comparativas não é um fim, mas sim um meio pelo qual conseguimos elaborar as ideias a partir de uma análise profunda e uma visão diferenciada de certas obras. Com isso, significa dizer que todos os dados apresentados são sistematicamente analisados a partir da

<sup>1</sup> Graduado em Letras/Inglês pelas Faculdades Integradas Simonsen.

<sup>2</sup> CARVALHAL, 2006, p.5

<sup>3</sup> GOTLIB, 2010, p.6

observação de características comuns e divergentes, tanto quanto uma profunda reflexão sobre os dados não escritos nos textos, ou seja, como interpretação do que está subentendido.

Outro tema a ser abordado antes de debater sobre o cerne da questão é a relação que Machado de Assis teve com Poe. Segundo Alvarez,<sup>4</sup> é possível identificar momentos em que Machado de Assis tem contato com o escritor norte-americano, quando cita um trecho do livro *Machado de Assis: um escritor dos trópicos* (1998) da autora Flores da Cunha, dizendo que:

*Esse contato de Machado de Assis com Edgar A. Poe pode ter ocorrido através da fonte primeira da leitura do texto original ou, como se imagina, pelo conhecimento precoce das traduções de Charles Baudelaire, o introdutor de Poe no circuito da literatura conhecida do seu tempo [...]. O certo, e o mais importante, é que as datas de publicação das mencionadas obras machadianas — respectivamente, 1866, 1882, 1883, 1885, 1896—, sendo que três delas ocorrendo significativamente no período dito de apogeu da sua contística, atestam uma convivência regular e consentida de, no mínimo, trinta anos com o espírito e a feição da obra do escritor norte-americano.*

Alvarez segue destacando outros contos em que Machado de Assis cita Poe, reiterando e confirmando a tese de que a intertextualidade

realmente aconteceu, mas não só por questão analítica, mas também por citação do próprio Machado de Assis em algumas de suas obras, como por exemplo: “Uma excursão milagrosa”<sup>5</sup>, em que Machado escreve: “*e todas as histórias maravilhosas de Edgar Allan Poe (...)*”, como também em “O anel de Polícrates”<sup>6</sup> onde diz: “*Jurou-me que ia escrever, a propósito disto, um conto fantástico, à maneira de Edgar Poe, uma página fulgurante, pontuada de mistérios*” ou a tradução da poesia de Poe, “O corvo”.

A necessidade de se estudar, não só as características textuais, mas também todo o contexto que envolve as obras é descrito por Carvalhal dizendo que essa etapa

*“(...) permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. (...) compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.”*<sup>7</sup>

Esses levantamentos e comparações são o embasamento para os próximos estudos que serão feitos nesse texto. Afirmar a ligação entre os autores não só pelas características

<sup>4</sup> ALVAREZ, 2012.

<sup>5</sup> ASSIS, 1956.

<sup>6</sup> Idem, 1970.

<sup>7</sup> CARVALHAL, 2010, p.86

encontradas na construção literária, mas também com um fundo social, nos capacita entender como e por qual motivo se deu o processo intertextual. Porém é necessário entender que essa convergência que existe entre os textos de Poe com o conto de Machado de Assis não se dá por mera citação, mas também no campo discursivo e ideológico como veremos a seguir.

É importante, também, entender que não se deve ver o trabalho de intertextualidade, ou seja, da Literatura Comparada, como sendo um meio de destacar os pontos em comum, o que resulta numa tendência de dependência cultural. É equiparado também as diferenças ou “contrastes, pois é a diferença que permite nossa inserção no universal. Por isso comparar é contrastar.”<sup>8</sup>

### **“O enfermeiro” sobre a perspectiva de Poe**

A história é a respeito de um rapaz, Procópio, que a princípio é teólogo, mas acaba por tornar-se enfermeiro para tomar conta de um coronel idoso, Felisberto. A trama gira em torno da forte personalidade do coronel e da “bondade” do novo enfermeiro.

As primeiras linhas já denotam uma forte influência dos contos de Poe. Procópio diz:

*“Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860, pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a*

*condição única de que não há de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, pode ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.*

*Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que há outras coisas interessantes, mas para isso era preciso tempo, ânimo e papel, e eu só tenho papel; o ânimo é frouxo, e o tempo assemelha-se à lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia, um sol dos diabos, impenetrável como a vida. Adeus, meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdoe-me o que lhe parecer mau, e não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas. Pediu-me um documento humano, ei-lo aqui. Não me peça também o império do Grão-Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, porém, os meus sapatos de defunto e não os dou a ninguém mais.”*<sup>9</sup>

Percebe-se nesse trecho que a o “desabafo” pela escrita só se deu pela chegada da morte. Como Machado de Assis nesse conto, Poe trabalha incessantemente com o tópico da morte, sendo ela um dos motivos mais fortes para seus personagens abrirem-se e reconhecerem-se através de seus erros. VanSpanckeren fala exatamente sobre isso em seu livro, onde diz que

*“Poe entre a vida e a morte e os cenários góticos berrantes não são meramente decorativos. Refletem o interior excessivamente civilizado mas inerte da psique perturbada de suas personagens. São expressões simbólicas do subconsciente e, portanto, cerne de*

<sup>8</sup> Idem, p.77

<sup>9</sup> PROCÓPIO, 1884, p.76

sua arte.”<sup>10</sup>

O mesmo ocorre no conto “O gato preto”,<sup>11</sup> em que o personagem diz: “Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar meu espírito”. Nota-se a tensão ao escrever o fato, porém é muito pior morrer sem expor o que lhes vai à alma.

No trecho citado anteriormente, a melancolia e o desprezo pela vida se faz presente, criando um ambiente enfadonho. O uso de vocábulos e expressões pesadas e monótonas como: “frouxo”, “lâmparina da madrugada”, “um sol dos diabos”, “impenetrável”, “sapatos de defuntos”, ratificam que Machado de Assis intencionava passar ao leitor como a vida do personagem se encontrava no fim. Têm-se referências sobre esse ambiente nos contos de Poe, onde Todorov<sup>12</sup> comenta a respeito citando Lovecraft: “Como a maior parte dos autores do fantástico, afirma, Poe se sente mais cômodo no incidente e nos efeitos narrativos mais amplos que no desenho dos personagens”.

A importância do ambiente é fundamental, visto que é a partir dele que conseguimos tomar as sensações e adentrar a realidade da psique dos personagens. A essa preocupação na exposição da psique humana

enquadramos os contos como fantásticos, ou estranho como veremos mais a frente. Todorov<sup>13</sup> diz que é necessário

*“(...) julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca. (...) Um conto é fantástico, simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas.”*

Vários trechos poderiam se encaixar para exemplificar, mas o que se destaca é o seguinte: “Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu.”<sup>14</sup> Percebe-se aqui o drama e o terror vivido pelo personagem. A descrição sentimental como alvo principal é uma forma de fazer o leitor expandir a leitura de forma que reconheça o processo de sofrimento e se envolva a tal ponto em que a dor do personagem se torna a dor de quem lê.

A descrição que Procópio faz de Felisberto nos aproxima também dos estudos comparativos. Veja que para isso diz que o coronel o observava com dois olhos de gato e logo depois um riso maligno “aluminou-lhe as

<sup>10</sup> VANSPANCKEREN, 1994, p.41

<sup>11</sup> POE, 1975, p.72

<sup>12</sup> TODOROV, 1970, p. 85

<sup>13</sup> Idem, p.20.

<sup>14</sup> Ibidem, p.80.

feições.” O uso das descrições felinas é proposital, e se segue quando o próprio coronel pergunta para Procópio se ele era “gatuno”, ou seja, se gostava da noite, intensificando as descrições felinas como adjetivos pejorativos.

Sobre essas alegações recaímos sobre o conto “O gato preto”, onde um gato preto desempenha papel de antagonista. Durante todo o conto o protagonista sofre das mais variadas formas devido ao gato, despertando inclusive uma neurose. Logo, Machado de Assis se apropria desse ideal e caracteriza seus personagens com o fundo dramático de Poe.

O conto em questão também faz alusão a outro conto famoso de Poe chamado de “O coração revelador”.<sup>15</sup> A história também gira em torno de um rapaz que cuida de um idoso que por fim acaba por matá-lo. Em ambos os contos percebemos o caráter da estrutura da narrativa se voltar para os conflitos humanos. Gotlib comenta que “Machado tem o dom de fisgar o leitor pela intriga bem arquitetada, intrigando-o com questões não resolvidas”<sup>16</sup> e Todorov ao citar Dostoievsky ressalta esse processo em Poe, onde diz que “Poe escolhe quase sempre a realidade mais excepcional, põe seu personagem na situação mais excepcional, no plano exterior ou psicológico...”.<sup>17</sup>

Esses escritores nos fazem pensar como

o processo se dá muito além de meras comparações estruturais, mas sim como Machado de Assis se influencia das ideias e conceitos de Poe para construir o seu conto. Ambos buscam “fisgar” o leitor criando o *efeito*. Gotlib cita Julio Córdaz que resume o conceito de conto em Poe: “Um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesse.”,<sup>18</sup> que se aplica muito bem no conto “O enfermeiro”, pois a cada linha descoberta e lida é impossível para ou esquecer o conto.

Vale-se também o tempo passado em ambos os contos. Procópio diz que a “lua-de-mel” dura sete dias e é no oitavo dia que todo tormento começa, e no conto de Poe, “O coração revelador”,<sup>19</sup> foi na oitava noite que o personagem comete o assassinato.

Outro ponto importante é a respeito do tamanho do conto. Tanto Poe quanto Machado se prendem a esse determinante. Muitos autores falam sobre a importância de escrever um conto curto como Todorov onde diz que “o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem”<sup>20</sup> e Gotlib ao citar o próprio Poe esclarece essa situação dizendo que

*“no conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora de leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que*

<sup>15</sup> POE, 1975.

<sup>16</sup> GOTLIB, 2010, p.80.

<sup>17</sup> Todorov, 1970, p.27.

<sup>18</sup> GOTLIB, 2010, p.37.

<sup>19</sup> POE, 1975.

<sup>20</sup> TODOROV, 1970, p.24.

*resulte de cansaço ou interrupção.*”<sup>21</sup>

E é em cima dessa questão da brevidade associada à descrição minuciosa do ambiente e da psique que Poe causa o *efeito* seguido por Machado de Assis. Gotlib diz a respeito do conto Machadiano: *“E este é também o segredo do conto, que promove o sequestro do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados, tendo em vista a construção desse efeito (Poe) (...).”*<sup>22</sup>

Uma última característica muito importante é o do narrador se apresentar em primeira pessoa. Tanto no conto Machadiano quanto nos contos de Poe, eles se apresentam como personagens e narradores, característica essa do conto fantástico. Todorov faz menção à enunciação dizendo que *“Nas histórias fantásticas, a narradora fala geralmente em primeira pessoa: é um fato empírico facilmente verificável. (...) O acento recai então sobre o fato de que se trata do discurso de um personagem, mais que do discurso do autor: a palavra é objeto de desconfiança (...).”*<sup>23</sup>

Todas essas questões mostram que tanto nos aspectos gerais, quanto em pequenos detalhes os contos se encontram, e é disso que este trabalho se vale, das fortes características que ambos revelam em sua escrita. Porém,

como foi dito anteriormente, a arte de comparar, não é só de ressaltar pontos em comum, mas também de verificar a individualidade de cada escritor. Vamos então a elas.

A primeira diferença é na criação da problemática. Nos contos de Poe eles subitamente são atacados por uma neurose ou uma doença sem explicação. No conto do “Coração revelador”, Poe diz que uma doença aguça os seus sentidos, a audição, e sem saber como e nem o porquê ele começa a arquitetar a morte do idoso. Veja nesse trecho a exploração da loucura: *“Não havia objeto. Não havia paixão. Eu gostava do velho. Ele nunca me fez mal. Nunca me ofendeu. Eu não desejava o seu ouro.”*. Note que nem mesmo o personagem consegue justificar racionalmente sua ira contra o outro. O próprio Poe comenta sobre a loucura: *“A ciência não nos ensinou ainda se a loucura é ou não o alto da inteligência.”*<sup>24</sup>

Ainda no livro de Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, entendemos essa diferença entre os contos de Poe e Machado, pois os contos de Poe se encaixam na classificação de *estranho*, mas o que não os exclui da condição de *fantásticos*. Todorov diz que

*“Nas obras pertencentes a esse gênero, relatam-se acontecimentos que*

<sup>21</sup> GOTLIB, 2010, p. 34.

<sup>22</sup> Idem, p.81.

<sup>23</sup> TODOROV, 1970, p.44 e 46.

<sup>24</sup> Idem, p. 23.

*podem explicar-se perfeitamente pelas leis da razão, mas que são, de uma ou outra maneira, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam no personagem e o leitor uma reação semelhante a que os textos fantásticos nos voltou familiar.*"<sup>25</sup>

E é através do viés da loucura que Poe cria seu *efeito*. É assim que ele prende seu leitor, intrigando-nos com o posicionamento do personagem, que embora nos pareça racional, é acometido de um mal sem muita explicação. Mais tarde o personagem explica que o que talvez tenha lhe causado o ódio fora "seu olho! Sim, foi isso! Um de seus olhos parecia-se com o de um abutre". Uma argumentação racional, porém longe de ser justificativa para seus atos. Poe decide relatar sobre a loucura, mas não como um mal de poucos, mas como uma característica da psique humana, algo que pode ocorrer a todos, já que não tem explicação para acontecer, apenas pequenas argumentações.

Pode-se, também, verificar o mesmo em "O gato preto", em que ele toma pavor dos animais de estimação sem nenhuma explicação plausível e acaba por chegar às vias de fato. Também em "Berenice", onde Egeu, personagem principal, cria uma obsessão por dentes e chega a arrancá-los de sua prima depois de morta. Em "O barril de

Amontillado", Montresor jura vingança contra um velho amigo, Fortunato, porém em momento algum revela os verdadeiros motivos que levaram-no a odiá-lo.

No conto de Machado percebemos que o personagem vem se desgastando lentamente com o seu antagonista, enquanto o próprio antagonista vem se desgastando com sua idade, com o tempo. Procópio narra que

*"O coronel estava pior; fez testamento, descompondo o tabelião, quase tanto como a mim. O trato era mais duro, os breves lapsos de sossego e brandura faziam-se raros. Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de ódio e aversão."*<sup>26</sup>

Machado de Assis busca, através do personagem, montar e relatar os fatos para mostrar-nos como a psique do Procópio vai se modificando e até mesmo justificar seus atos. Procópio (p. 79 e 80) diz:

*"Ele, que parecia delirar; continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempo de desviar-me; a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o."*<sup>27</sup>

O leitor se envolve tanto com o sofrimento do personagem principal que a primeira instância não sente pena do coronel

<sup>25</sup> TODOROV, 1970, p.26.

<sup>26</sup> PROCÓPIO, p.79.

<sup>27</sup> Idem, p. 79,80.

que morre nas mãos do outro. Com essa esquematização que Machado fisga o leitor. Ele leva-o a se questionar dos seus valores.

Como parte do seu projeto, todos enxergam Procópio como um homem nobre, pois aguentara durante longo tempo o coronel. Ele diz que “Toda a gente me elogiava a dedicação e a paciência”,<sup>28</sup> o que mostra mais uma vez a contestação de valores. Será que ao julgar alguém como bom ou mau, estaríamos nós tomando o problema pelo cabo? Seríamos nós sabedores do que realmente aconteceu? Gotlib cita Alfredo Bossi dizendo que “A perspectiva de Machado é da contradição que se despista, o terrorista que se finge de diplomata”.<sup>29</sup>

No final do conto Procópio descobre que o coronel lhe deixou toda a herança e por fim acha que Felisberto não fora tão mal assim, diz que “Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz”.<sup>30</sup> Encerrando o conto com uma citação da bíblia: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados.”,<sup>31</sup> nos deixando a reflexão sobre as possíveis mudanças que as pessoas podem atribuir pelos valores que deixam aqui, no caso de Felisberto, valores materiais.

Cabe aqui, então, para distinguirmos o último ponto dos contos, o desfecho. Gotlib

comenta a respeito dos contos de Poe que “A novela ou conto termina num clímax”,<sup>32</sup> ou seja, nos contos de Poe nunca sabemos o que acontece depois do momento de maior tensão. Ele sempre deixa para o leitor o papel de criar o final para as suas histórias.

Poderia ter sido esgotada cada linha do conto “O enfermeiro” para mostrar os processos de intertextualidade, mas para as metas traçadas não há necessidade, pois o eixo principal era mostrar as diversas formas que as literaturas se encontraram, porém de forma concisa.

Confirma-se, assim, a fundamental importância da apresentação de Machado de Assis para os contos do Poe.

Em uma leitura atenta, poderá perceber que em diversas obras Machado de Assis explora os processos de intertextualidade, muitas vezes chamando outros autores, citando diversos trechos de outros livros em seus textos a fim de mostrar seu alto grau de leitura. Isso faz com que o leitor assíduo de seus textos amplie seu acervo tanto quanto o mesmo o fez.

Poe, além de ser um escritor influente e reconhecido mundialmente, mostra-se a partir desse trabalho, como grande colaborador para a literatura brasileira, assim como foi para outras literaturas e também para muitas outras

---

<sup>28</sup> PROCÓPIO, p.83.

<sup>29</sup> GOTLIB, 2010, p.79.

<sup>30</sup> PROCÓPIO, p.80.

<sup>31</sup> Idem, p. 84.

<sup>32</sup> GOTLIB, 2010, p.40.

obras e manifestações artísticas.

## Referências

- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 2010.
- TODOROV, Tzevan. *Introdução à literatura fantástica*. Perspectiva, 1970.
- ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera. *Reminiscências de Poe em contos Machadianos*. São Paulo. 04/2012.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Machado de Assis: contos A*. Rio de Janeiro: Lia.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos recolhidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba/Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970.
- POE, Edgar Allan. *Historias extraordinárias*. São Paulo: Edibolso, 1975.
- VANSPANCKEREN, Kathryn. *Perfil de literatura americana*. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, 1994.

**Como Citar:** RAMOS, Adriel de Carvalho. *Machado escreve com a pena do corvo: Intertextualidade de Edgar Allan Poe no conto machadiano “o enfermeiro”*. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.1, Dez. 2014. Disponível em: <[www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen)>